



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Gandolfo Conceição, Maria Inês; Sudbrack Olivier, Maria Fátima  
Estudo Sociométrico de uma Instituição Alternativa para Crianças e Adolescentes em Situação de  
Rua: Construindo uma Proposta Pedagógica  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 277-286  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817215>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Estudo Sociométrico de uma Instituição Alternativa para Crianças em Situação de Rua: Construindo uma Proposta Pedagógica

Maria Inês Gandolfo Conceição<sup>1</sup>

Maria Fátima Olivier Sudbrack

Universidade de Brasília

### Resumo

Trata-se de investigação sobre uma instituição de atendimento a adolescentes em situação de rua, escolhida para retirar da marginalidade. O objetivo foi identificar os principais elementos da instituição responsáveis pela fixação, visando oferecer subsídios para a construção de propostas pedagógicas de atendimento a meninos de rua. A pesquisa baseou-se na aplicação do teste sociométrico da instituição e em entrevistas individuais com seus membros. A análise dos dados se baseou na Teoria Sociométrica com contribuições da abordagem familiar sistêmica. Os aspectos relevantes para uma efetiva atuação com meninos de rua foram: a) escolha sociométrica como critério de seleção da clientela; b) afinidade e integração entre os diretores da instituição; c) consonância entre a oferta da instituição e a demanda da clientela de “viverem em família”; d) presença de uma figura masculina positiva e forte de autoridade, identificada como “o pai”.

*Palavras-chave:* Crianças em situação de rua; estudo sociométrico; instituição.

**Sociometric Study of an Alternative Institution for Street Children: Building a Pedagogical Proposal**

### Abstract

This is a research of an institution which provides assistance to homeless children which was chosen because of their attention and took them out of the marginality. The research aims at identifying the elements that are mainly responsible for the fixation, aiming to offer subsidies for the construction of pedagogical proposals for street children. The research was based on the application of the sociometric test of the institution and individual interviews with their members. The analysis of the data was based on the Sociometric Theory contributions. The relevant aspects for an effective work with homeless children were: a) selection criteria; b) affinity and integration among the directors of the institution; c) consonance between the offer of the institution and the demand of the clientele of “living in a family environment”; d) presence of a male figure with positive personal characteristics identified as “the father”.

*Keywords:* Homeless children; sociometric study; institution.

Nos últimos tempos, a questão das crianças em situação de rua tem chamado a atenção não apenas de estudiosos no assunto, como também de diversos segmentos da sociedade civil, tendo em vista o quadro dramático relacionado a este fenômeno. Não há dúvida de que fatores de toda índole- econômicos, políticos, sociais, administrativos- contribuíram para gerar este quadro social de âmbito nacional. Uma leitura crítica sobre a situação infanto-juvenil do Brasil nas últimas décadas aponta para o fracasso na execução das políticas de atendimento ao menor, que redundou em um verdadeiro

renda para contribuir no organismo social, diretamente associado ao processo de marginalização do país. A população de meninos de rua é de destaque, com notável visibilidade nos grandes centros urbanos, apresentando grandes semelhanças com a realidade das crianças de outras faixas etárias. A gravidade do fenômeno de âmbito nacional é evidente, as pesquisas mostraram que a maioria das crianças e adolescentes era do sexo masculino, com idades entre 7 e 17 anos, sendo predomínio de pardos e negros e as famílias de baixa renda.

na rua e vice-versa. O autor considera a influência de cinco tipos de fatores: biológicos, familiares, relativos à rua, relativos ao espaço urbano e macroscópicos ou sócio-político-econômico. Em suma, o autor afirma que todos estes fatores são interdependentes e permitem diversas combinações, acelerando ou refreando a transformação da criança *na* rua em criança *de* rua.

A análise dos resultados de um estudo realizado por Alves (1992) com 128 meninos de rua de Goiânia indicou a conjugação de três ordens de fatores na “produção de menino de rua”: os sócio-econômicos, os familiares e os individuais. Tal estudo revelou que cerca de um quinto dos menores de rua nunca conviveu com o pai, sendo a imagem do mesmo a de uma pessoa despreparada e impotente para lidar com as dificuldades da vida e as responsabilidades frente à família, marcada por um distanciamento afetivo e se constituindo em um modelo de identificação inadequado para os filhos. Além disto, o estudo confirma que a desqualificação da figura paterna como modelo de identificação representa um fator de risco para a marginalidade.

Quanto às estratégias de sobrevivência, a literatura tem mostrado que algumas crianças de rua lançam mão de outros recursos, além do trabalho, para garantir seu sustento. São as denominadas atividades “marginais” e se dividem em dois grupos: as *infratoras* (furto, roubo, prostituição e tráfico de drogas) e as *não-infratoras* (mendicância, perambulância). Porém, apesar de o menino de rua ser freqüentemente associado à toxicodependência e à delinquência (Lucchini, 1988b), os dados da literatura (Rizzini & Rizzini, 1992) mostram que o número de menores envolvidos nestas “atividades marginais” é bastante inferior ao número de meninos de rua que não estão envolvidos nessas atividades e que constituem o grupo de menores trabalhadores. Lucchini (1988b) considera o uso de inalantes na população de meninos de rua do Brasil como parte integrante de seu estilo de vida. O autor acredita que o uso de droga nesta população pode estar ligado ao tema da identidade coletiva e pode ser uma condição para que a criança seja aceita pelo grupo. Seus estudos revelam que o uso de droga é mais comum entre os meninos de rua que vivem em ambientes de maior marginalidade.

privação sensorial e afetiva dos cuidados que resultam na perda do vínculo afetivo. O autor descreveu os estigmas sofridos pelo indivíduo em sua institucionalização que culminam na *despersonalização*. Partindo destas construções teóricas, surgiram estudos que, em ambientes institucionais diversos, analisaram os efeitos da institucionalização e dos comprometimentos psicológicos e sociais que os menores confinados em instituições. Diversos estudos já foram realizados sobre a institucionalização de menores adolescentes, sobretudo nos domínios da literatura (Lima, 1985; Altoé, 1985, 1990, 1993; Blanques, 1986; Kominsky, 1991; Marin, 1988; Rizzini & Rizzini, 1992; Vilhena, 1989; Violante, 1990) e de estudos governamentais para menores infratores (Lima, 1985; Gomide, 1990; Mendez, 1993; Sudbrack, 1993).

A prevalência da condição marginal é uma realidade vivida pelas crianças e jovens marginalizados, exacerbados na experiência da institucionalização de menores infratores. Para a instituição, uma clientela, uma verdadeira “carreira de delinquentes” que os a toda sorte de riscos e violências nenhuma. Endossam esta afirmação as pesquisas realizadas por (1982), Gomide (1990) e Arruda (1983). Para a instituição - onde os níveis de degradação e de marginalização ultrapassam os das ruas -, o sujeito é sempre intrinsecamente criminoso e sempre culpado, sem outra saída que não seja sua inserção na sociedade marginal (Queiroz, 1984).

A situação dos meninos de rua denunciada na década de 1980 passou a encontrar explicações principalmente por dois motivos: 1) reconhecimento de que as crianças abandonadas não eram, na realidade, abandonadas, pois elas tinham família; e 2) constatação de que constituíam um número significativo, já que a população infantil enquadrava-se na categoria de “crianças de rua”. A revelação e a compreensão deste fenômeno levaram a uma conscientização crescente da questão, que, a partir de um esforço integrado entre a sociedade e a instituição, resultou na elaboração de

da clientela assistida pelas instituições. Resta, ainda, o maior desafio por parte das instituições diante desta nova perspectiva e, por sua parte, cabe à sociedade civil e ao Estado a tarefa peremptória de vigilância e observância do cumprimento da nova lei por parte das instituições. As críticas à institucionalização redundaram fatalmente no movimento de desinstitucionalização e na abolição da medida de internação indiscriminada de crianças e adolescentes, bem como na adoção de uma nova alternativa de acolhimento destes em meio aberto. Ainda que esta seja uma alternativa factível, permanece a questão: que modelo de atuação inspirará tal prática? E, ainda, que modelo de instituição realmente oferece as condições necessárias ao pleno desenvolvimento destas crianças, sem competir com suas famílias e sem estigmatizar a sua clientela? Necessário se faz um olhar sistêmico que considere os diferentes protagonistas que contribuem na construção de uma nova metodologia de trabalho que satisfaça a complexidade das situações.

O presente texto é um recorte de uma dissertação de mestrado inserida em um projeto mais amplo de estudo subsidiado pelo CNPq, sob o título: “Construindo Redes Sociais: Metodologia de Prevenção à Drogadicção de Adolescentes em Famílias de Baixa Renda do DF”. Trata-se do estudo sociométrico de uma instituição de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua que, pelas peculiaridades de sua atuação, foi aqui definida como alternativa, tendo sido escolhida para estudo pelo fato de atrair os meninos de rua, conseguindo retirá-los da marginalidade. O presente trabalho tem por objetivo identificar e caracterizar os principais elementos da referida instituição responsáveis pela fixação e adesão da clientela ao seu projeto com vistas a oferecer subsídios para a construção de propostas pedagógicas de atendimento a meninos de rua.

Constituem referenciais teóricos norteadores da pesquisa as teorias do funcionamento de grupos, no enfoque da teoria sociométrica de Moreno (Moreno, 1972), utilizando também contribuições da perspectiva da terapia familiar sistêmica.

## **Método**

apresentava qualquer documento de registro formal na rede de instituições, execução de medidas sócio-educativas e uso dos espaços legitimados para a execução das ações do Governo do DF.

No período inicial de observação, era possível constatar aspectos da metodologia de trabalho: a) dimensão participativa no estabelecimento de regras; b) atuação autônoma dos membros; c) dinâmica de grupo na rotina e quotidiano da instituição; d) sistema sistemático do desempenho escrito e oral de cada membro; e) realização de refeições coletivas e das regras institucionais a partir de reuniões; f) incentivo ao diálogo com os dirigentes, para o ingresso e permanência na instituição; g) vínculo com família de origem. Pode-se dizer que, item a item, o que se apreendeu é que, após o ingresso na instituição, o padrinho/dirigente realiza a mediação entre a origem, a fim de obter seu consentimento para o mesmo e para avaliar as condições de vida no lar, esclarecendo que sua proposta é de inserção familiar.

Destacou-se, dentre as características da instituição, a forma de ingresso à mesma que é voluntária, a relação desta com a clientela, a estruturação entre si. O primeiro aspecto é a estruturação voluntária de um subgrupo dos meninos de rua que se reúnem naquele lugar (a igreja) com aquele dirigente, sendo que aí chegaram e se instalaram. A estruturação se basicamente quatro tipos de grupos: 1) grupos encaminhados pelos próprios dirigentes; 2) grupos por familiares e responsáveis; 3) grupos de vizinhos da comunidade local; e 4) encaminhados por instituições governamentais. Pode-se considerar que a estruturação da instituição deu-se predominantemente espontânea da comunidade ou familiar. A estruturação da instituição deve-se ao fato de que a comunidade local, que é a origem dos meninos de rua, é a que mais contribui para a estruturação da instituição.

os relatos demonstraram dois tipos de percepções: ou se percebiam vistos como marginais, delinqüentes, usuários de cola, meninos de rua ou como “filhos do padre”. Os que alegaram ser vistos de forma negativa atribuíram tal percepção à presença de membros que faziam uso de droga.

Tendo em vista a riqueza das interações observadas nesta instituição, elaborou-se a hipótese de que o êxito da mesma estaria centrado em um modelo de atendimento fundado no investimento sobre as relações afetivas entre seus membros, numa proposta de trabalho que valoriza o funcionamento grupal.

A partir desta hipótese inicial, ficou definido como objetivo da pesquisa: conhecer a dinâmica grupal vigente na instituição, identificando-se a configuração sociométrica do grupo.

As seguintes questões delimitam o objeto de estudo:

1. Como se configuram as relações entre os membros da instituição do ponto de vista de uma leitura da dinâmica grupal (sociométrica)?
  2. Como se refletem os aspectos da configuração grupal na proposta pedagógica de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua desenvolvida por esta instituição?

## Participantes

Constituem participantes do estudo a clientela da instituição e os membros da equipe de trabalho. A equipe era constituída de apenas dois dirigentes: um padre e uma médica da comunidade que trabalhavam voluntariamente. A clientela era composta por 20 crianças e adolescentes, sendo que 18 na faixa dos 11 aos 20 anos e apenas 2 participantes eram crianças de 5 e 6 anos de idade. Dos 20 participantes, 6 não estavam freqüentando regularmente a escola na época do estudo. Os 20 participantes - todos do sexo masculino - no momento da coleta de dados estavam residindo na instituição em estudo, situada na casa paroquial.

Como configuração familiar destas crianças e adolescentes predominavam as famílias pluricompostas, com irmãos de paternidades distintas. Ficou constatada, pelas entrevistas individuais com os participantes sobre suas famílias, a presença do alcoolismo dos pais ou responsáveis e de atos de violência física em todas as casas.

entrevistados individualmente - e a segunda a dimensão grupal - consistiu na realização de

A opção pelo teste sociométrico justifica mesmo revelar a “geografia psicológica do 1980) - além de se coadunar com o enfoque que contempla os aspectos quantitativos e qualitativos das relações interpessoais do grupo (Monteiro, 1980).

A aplicação do teste ocorreu em aproximadamente 3 horas de duração e suas modalidades objetiva e perceptual, seguintes etapas: a) escolha da atividade escolha, que deve ser consensual pelos ele b) resposta de cada elemento do grupo a escolhas de modalidade objetiva, que com hierárquicas - positivas, negativas ou participante faz de cada membro do gr justificativas de cada uma das escolhas; c) elemento do grupo ao questionário modalidade perceptual - o participante d será escolhido pelos demais membros do g positiva, negativa ou neutra) - e o porq realização dos sociogramas - que consistem das congruências e incongruências indivíduos" - que devem ser repassados a clarificação e ao confronto, garantindo "elaboração individual e grupal" (Gon Almeida 1988, p. 42).

O critério unanimemente eleito pelos escolha de membros do grupo com o de fazer uma viagem.

## Resultados e Discussão

## Configuração sociométrica

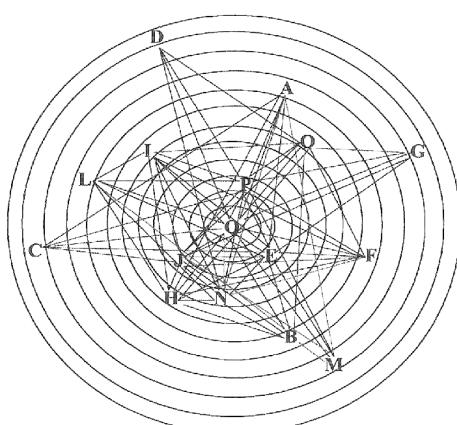
A configuração sociométrica do grupo predominantemente escolhas positivas (W) centradas principalmente na figura do círculo de apoio (P). Esta estrutura parece

Tabela 1  
Mutualidades (M), Incongruências (I), Índice de Percepção (IP), Índice de Emissão (IE) e Índice Télico (IT)

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N
M	7	8	5	4	13	8	5	10	9	12	7	6	11
I	8	7	10	11	2	7	10	5	6	3	8	9	4
IP%	60	53	67	80	53	40	47	33	-	47	47	33	53
IE%	36	36	43	36	64	28	43	64	-	64	28	50	57
IT%	48	44,5	55	58	58,5	34	45	48,5	-	55,5	37,5	41,5	55

Índice Télico Grupal: 53,3%

Sociograma de Mutualidades



Legenda:

Q - Padre Queiroz  
P - Paula  
E - Ebris  
J - José

N - Nilo  
H - Hélio  
I - Ismael  
O - Osmar

F - Fábio  
B - Bruno  
A - Artur  
L - Lauro

M - Mauro  
C - Carlos  
G - Gabriel  
D - Daniel

Legenda:

D - Daniel  
G - Gabriel  
C - Carlos  
M - Mauro

L - Lauro  
A - Artur  
B - Bruno  
F - Fábio

Figura 1. Sociograma de mutualidades.

nos depoimentos verbais dos garotos, o que reforça os achados do teste sociométrico. As formas como são construídas as normas de funcionamento da instituição nos remete, igualmente, a uma concepção de família: os dirigentes

participantes rumo à incorporação da cultura burguês vigente, enquanto estrutura de poder da sociedade. Este aspecto do conceito de família é um tema que merece estudos mais recentes nos quais

Sociograma de Incongruências

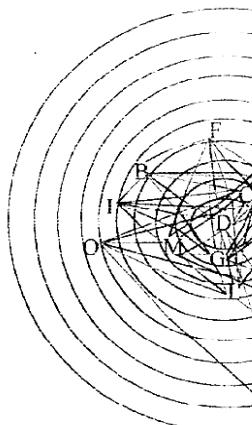


Figura 2. Sociograma de incongruências.

da cultura marginal, etc. Este adolescente comportou-se como receptáculo das tensões negativas do grupo, sugerindo projeções de conflitos entre seus membros. Neste sentido, os dois tipos de dados coletados (resultados do teste e relatos verbais) apresentaram resultados consonantes, sugerindo a exclusão deste membro do grupo porque o mesmo representava do estereótipo negativo do qual queriam se livrar.

Constata-se a repetição no contexto da instituição do mesmo padrão excluente existente na sociedade mais ampla no sentido de rechaçar os usuários de drogas, identificados com o padrão de conduta e de aparência marginal. Esta reflexão sobre a ressonância do comportamento do abuso de drogas na exclusão pelos próprios pares de condição social desfavorecida constitui objeto de pesquisas anteriores. Definimos *o processo de dupla exclusão* relativo ao rechaço no próprio contexto de origem, sofrido pelos jovens de contextos desfavorecidos quando se tornam dependentes de drogas. Neste sentido, entendemos que o consumo abusivo de drogas é, ao mesmo tempo, gerado pela exclusão e gerador de exclusão. Se, por um lado, consumir drogas relaciona-se às condições precárias de vida destas crianças e adolescentes em situação de rua, por outro, a dependência de drogas especialmente da *merla* e do *crack*, na realidade do Distrito Federal, são nítidos fatores de exclusão no contexto das próprias gangues de rua e das comunidades de baixa renda (Sudbrack, 1996).

## A proposta pedagógica da instituição

Apesar de seu caráter filantrópico e voluntário e da falta de uma proposta pedagógica formalizada, a instituição revelou possuir uma linha de ação com princípios educativos e valores que a sustentam, sobre os quais discorremos, a seguir.

A partir da análise das relações afetivas configuradas no convívio grupal dos membros da instituição, evidenciam-se quatro elementos que entendemos como eixos estruturantes da metodologia desenvolvida pela instituição em estudo, a saber:

partir do critério sociométrico. O autor acredita na construção de um verdadeiro “lar psicológico” (1980), a partir do aglutinamento das vertentes membros de uma comunidade. Esta é uma *generis* da instituição que não pode ser desprezada, tem conhecimento de que, de um modo geral, de atendimento a crianças e adolescentes deve ser feito por iniciativa dos mesmos, nem sobre base de imposição. Observa-se nas práticas institucionais a ausência de considerar as redes sociais entre os adolescentes, potencial positivo a ser resgatado na proposta. Ao contrário, é mais freqüente que se pensem os adolescentes como um problema, pertencentes a grupos, sendo a convivência com os pais uma experiência nociva e não como um recurso positivo. Este resultado deu origem e nos remete a uma teoria recentemente desenvolvida por uma das autoras (Sudbrack & Sudbrack, 1999; Sudbrack, 1996, 1998, 2000), que considera as redes sociais enquanto uma nova metodologia de atendimento, que visa a superação da marginalização e à drogadição entre adolescentes de baixa renda, em situação de risco psicológico.

Precisamos reconhecer a importância que, freqüentemente, constitui a rede primária de crianças em situação de rua, em substituição ao sistema educativo. Neste exemplo do que se constatou na instituição, consideramos que a preservação das redes é importante enquanto critério de seleção da clientela de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco.

*b) O sistema educativo: a afinidade e a incompatibilidade entre dirigentes da instituição*

Por seu turno, os dirigentes da instituição agruparam com base nas preferências de relação à afinidade entre si mesmos, com a clientela da instituição. A consonância de qual resulta a integração entre os dirigentes bem como a afinidade destes com seu público, neste estudo, como elementos fundamentais. *... Mais*

a prestar atendimento - é isento de afetividade, reproduzindo a desigualdade e impossibilitando a construção de vínculos humanos (Kominsky, 1991). Portanto, este modelo de interação perpetua a condição de abandono das crianças institucionalizadas.

O estatuto sociométrico do grupo conferiu ao mesmo uma estrutura coesa, na medida em que ao líder (o dirigente da instituição) correspondeu o destaque enquanto estrela sociométrica. As instituições a cargo dos cuidados de crianças e adolescentes, com as características descritas pela literatura, provavelmente não concentrariam suas preferências em seu dirigente e dificilmente este seria a estrela sociométrica do grupo. Necessário se faz realizar novos estudos desta natureza que possam aprofundar e melhor delinear esta hipótese. Temos, no entanto, fatos concretos que constituem dados de realidade relativos à freqüência de motins e fugas nas instituições de atendimento a esta clientela que falam por si só. A insubordinação da clientela de instituições totais aos comandos de seus dirigentes pode ser entendida como não-aceitação do papel em que estes se colocam para seus assistidos. A revolta é, portanto, endereçada ao papel de autoridade negativa assumida pelo dirigente, na medida em que este se coloca como “padrasto” e não como pai. Por sua vez, o papel negativo em que a clientela é colocada, a partir do estigma que lhe é atribuído, constitui elemento complementar que contribui para a formação de um circuito repetitivo de desqualificações entre os dirigentes e a clientela.

c) *Viver em família*: um projeto compartilhado pela instituição e pela clientela

Ficou constatado que a expectativa dos participantes, ao buscarem a instituição, era a possibilidade de viver em família. Considerando-se que todos os participantes tinham famílias de origem, esta busca coloca-se como uma alternativa ao modelo familiar originário. A ênfase dada ao papel do padre/dirigente no lugar do pai - tanto nas histórias de vivências na instituição, como nos resultados do teste sociométrico - e os relatos de vínculos conflitivos com o pai original nos levam à hipótese de que, em última instância, os participantes buscavam

sentimentos de culpa por estarem abandonados. Destacamos aqui a importância da lealdade à família de origem das crianças, em especial no que se refere ao fato de que a atitude da dirigente, de valorizar os meninos face aos seus vínculos familiares, é complementar para eles. Neste sentido, os trabalhos anteriores apontados para os prejuízos para as crianças e adolescentes, a desqualificação e da competição entre os dirigentes. Daí, pode-se supor que a interação inspirada no modelo do resgate e da alternativa, pode ser estruturada de forma prejudicial. Encontramos neste sentido, é possível um atendimento institucional positiva de família e que qualifica os dirigentes competente (Ausloos, 1995), dirigentes que atendem os sujeitos.

Guirado (1986) afirma que é necessário que o cuidado ocupar o papel de mediador entre as representações do cuidador. Porém, é necessário que o cuidado seja afetivo em que se coloca o cuidador como elemento de não-competição com as referências de referência ideal na formação de qualquer sujeito. Neste sentido, coloca-se aqui a necessidade de uma equipe de agentes institucionais e de forma que ambos se completem e se complementem para oferecer uma estrutura afetiva comum.

O presente estudo traz à luz a importância da efetividade desta “família/instituição” e “família/instituição” a sua proposta de não substituição ou em substituição ou, ainda, em complementação. As relações entre as duas famílias em sua complementaridade, entre os vínculos afetivos com a família de origem e com a instituição, adolescentes que acolhe e abriga. d) *A busca do pai*: A presença do pai é fundamental para a formação de

Ao assumir plenamente este *contra-papel*, o padre/dirigente, aceitando a função de pai, contribui no desempenho desejado do papel de filho de seus assistidos.

A demanda da busca do pai encontrada na presente pesquisa vem ao encontro de trabalhos anteriores, enquanto dimensão importante em adolescentes que se envolvem na prática de infrações (Sudbrack, 1987). Este processo denominado *da falta do pai à busca da lei* remete à compreensão do significado da passagem ao ato delinqüente no contexto familiar e institucional (Sudbrack, 1992).

No presente estudo, pudemos confrontar esta tendência de busca do pai ou de uma figura de autoridade entre meninos de rua, ainda no início de sua trajetória rumo à marginalização. O conflito evidenciado situa-se exatamente no confronto entre a necessidade de um pai e a condição real de suas histórias de vida em que seus progenitores aparecem como figuras desqualificadas e omissas no exercício da paternidade. Como respeitar a figura do pai quando esta está, invariavelmente, associada à degradação humana, ao vício e à violência?

A condição real de suas histórias de vida revela o pai como figura desqualificada e omissa no exercício da paternidade, como ilustram as situações de alguns participantes:

O pai de J. bebia muito e brigava com a mãe. Um dia, ela bateu um martelo na cabeça dele, pegou seus dois irmãos mais novos e viajou. Ele e o irmão mais velho ficaram com o pai e sempre apanhavam dele, que lhes batia com facão. “*Lá no assentamento é ruim pra caramba*” porque apanham do pai. Depois que vieram para cá, não voltaram mais ao assentamento. J. disse que não sente falta de casa. Gosta da mãe. Não sente falta do pai porque apanhava muito.

A. disse que sua família é “*escrota, não tinha nada, tudo era mal organizado, não tinha muita união, tinha muita briga*”, sempre brigou com os irmãos. A. “*tinha a mania de olhar muito revoltado para a cara da mãe*”. A. não conheceu seu pai. A mãe conta

família de origem opera no sujeito uma sua matriz de identidade, tendo em vista a originária, o papel de pai não configurava possível e/ou desejável de identificação.

O estudo aponta que os participantes no processo de resgate dos limites, normas e autoridade não encontrados em suas histórias, desejo se expressa, por uma demanda de convivência e de obediência, a uma autoridade dirigente da instituição, como poderiam ser as seguintes vinhetas:

Para B. o Padre é um pai. “*Se existisse Deus, ele é o Padre. Não existe ninguém como o Padre, quando pedem alguma coisa para o Padre e ele não fia*”. Ele não, se o Padre puder dar, bem, se

A. contou que o Padre disse que os conseguia e perguntou porque eles não o chamavam. Eles tinham coragem. “*Quando muito, chamavam o Padre de família e os meninos são como irmãos*”. Entre os meninos de lá é legal. Quando um bate no outro. Mas, lá também tem muita briga. Mas, desse tanta liberdade, não teria briga.

O presente estudo corrobora com a literatura constatação de que para grande parte dos meninos de rua a figura do pai é a de um parente ausente (Alves, 1992) - portanto, de um modelo de identificação.

Diante da constatação de que é exata a ausência de autoridade masculina que os sujeitos encontram na instituição em questão, entendemos que a figura dirigente situa-se na dimensão de estar entre os níveis da paternidade, no caso a *paternidade social*, que é a de destas crianças e jovens. Por sua vez, esta figura dirigente coloca-se em sábia consonância com os sujeitos em busca de uma figura positiva.

## Conclusão

É evidente que a solução ideal para a questão dos meninos em situação de rua culminaria em seu retorno à convivência com seu núcleo familiar de modo harmonioso. Nas práticas institucionais esta perspectiva se confronta com as contradições não apenas dos modelos técnicos de atendimento, mas também, com a questão estrutural mais ampla que impede tanto os filhos como suas famílias como um todo de viverem a plena cidadania.

Por outro lado, questiona-se: de que valeria viabilizar a convivência dos meninos com suas famílias, se o modelo social e político vigente - construído sobre os alicerces sócio-econômicos marginalizantes - não oferece retaguardas para sair desta situação inicial que engendrou a atual condição? Como oferecer a possibilidade de reconstrução dos vínculos familiares se o que os remete à rua é justamente a falta de uma estrutura continental?

Os resultados desta pesquisa identificando elementos alicerces de uma proposta técnica de atendimento a meninos em situação de rua mostram-se consoantes às determinações sobre o funcionamento das instituições de atendimento a crianças e adolescentes do ECA. Entende-se que o estatuto apresenta bases legais para um trabalho com ênfase no papel paterno nas quais prevalecem também os limites e as normas mormente exercidas pela figura paterna. Neste sentido, Canotilho (1982) examina comparativamente os alicerces em que se constróem as leis que regem os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, concluindo que nos primeiros, a base constitucional delineada expõe um caráter paternal no sentido de que incentiva seus cidadãos a todo tipo de liberdade econômica, política e social. Já nestes últimos, as constituições retratam um modelo materno, na medida em que assumem um aspecto assistencialista, à base da convicção de que o quadro geral de precariedade impõe este tipo de conduta estatal.

Podemos relacionar os achados deste estudo com trabalhos anteriores (Sudbrack, 1987) no sentido de que continua

Para concluir, destacamos questões que permeiam a situação de rua, alguns parâmetros já se fazem claros, destacando com este estudo: a importância familiar e da rede primária afetiva de novos modelos de referência e padrões de relações afetivas e s

## Referê

- Almeida, S. F. C. (1985). Formação e função dos programas de prevenção e de reeducação. *Psicologia Argumento*, 5, 29-44.
- Altoé, S. (1985). Os processos disciplinares. *Cadernos US: O Menor em Debate*, 11, 39-55.
- Altoé, S. (1990). *Infâncias perdidas: O cotidiano Xenon*.
- Altoé, S. (1993). Do internato à prisão: os estabelecimentos de assistência à criança no Brasil hoje: Desafio para o terceiro milênio. Universitária Santa Úrsula.
- Alves, A. J. (1992). Meninos de rua e meninas. Em A. Fausto & R. Cervini (Orgs.), *Brasil urbano dos anos 80* (pp. 117-132). São Paulo: CIBIA.
- Arruda, R. S. V. (1983). *Pequenos bandidos*. São Paulo: Círculo.
- Ausloos, G. (1995). *La compétence des familles*.
- Baumkarten, S. (1992). *Função paradoxal da social*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Faculdade de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília.
- Blanques, A. M. (1988). *Eu não tenho nada para a morte simbólica ou história da experiência coletiva*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*.
- Canotilho, J. J. (1982). *Constituição dirigente e compreensão das normas constitucionais*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Faculdade de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília.
- Carretero, T. C. & Sudbrack, M. F. O. (1999). *Brasil. Em T. Ragi (Org.), Agora Débates*.
- de la Jeunesse et de l'Education Populaire.
- Carvalho, E. R. S. (1987). *A estrutura social exploratória*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Faculdade de Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo.
- Dreyfus, C. (1980). *Psicoterapias de grupo*. Lisboa: Edições 70.

- Lusk, M. W. & Mason, D. T. (1993). Meninos e meninas “de rua” no Rio de Janeiro. Em I. Rizzini (Org.), *A criança no Brasil hoje: Desafio para o terceiro milênio* (pp. 153-171). Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula.
- Marin, I. S. K. (1988). *FEBEM, família e identidade: O lugar do outro*. São Paulo: Babel Cultural.
- Mendez, E. G. (1993). Adolescentes infratores graves. Em I. Rizzini (Org.), *A criança no Brasil hoje: Desafio para o terceiro milênio* (pp. 231-248). Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula.
- Monteiro, A. M. (2002). *Sociometria diádica: Considerações teórico-práticas*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Moreno, J. L. (1972). *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires: Paidós.
- Queiroz, J. J. (1984). *O mundo do menor infrator*. São Paulo: Cortez.
- Rizzini, I. (1985). A internação de crianças em estabelecimentos de menores: Alternativas ou incentivo ao abandono. *Espaço Cadernos de Cultura USU: O Menor em Debate*, 11, 17-38.
- Rizzini, I. & Rizzini, I. (1992). “Menores” institucionalizados e meninos de rua: Os grandes temas de pesquisa das décadas de 80. Em A. Fausto & R. Cervini (Orgs.), *O trabalhador e a rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80* (pp. 69-89). São Paulo: Cortez, UNICEF, FLACSO, CBIA.
- Spitz, R. (1965). *O primeiro ano de vida: Um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anómalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Sudbrack, M. F. O. (1982). A trajetória da criança marginalizada rumo à delinquência. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 9, 5-12.
- Sudbrack, M. F. O. (1987). *La dimension familiale dans la delinquance des jeunes: La fonction paternelle dans une lecture du passage à l'acte*. Tese de Doutorado em Psicologia não-publicada, Université de Paris XIII. Paris, França.
- Sudbrack, M. F. O. (1992). Da falta do pai à busca da lei: Causas e consequências ao ato delinqüente no contexto familiar e institucional. *Pesquisa, Suplemento*, 8, 447-457.
- Sudbrack, M. F. O. (1996). Construindo redes sociais: Meninos de rua, drogadição e à marginalização de adolescentes de favelas. Em R. M. Macedo (Org.), *Família e Comunidade: Coletâneas*.
- Sudbrack, M. F. O. (1998). Situações de risco à drogadição entre adolescentes de baixa renda: Os paradoxos e as possibilidades. *Revista SER Social*, 3, 219-243.
- Sudbrack, M. F. O. (2000). Abordagem comunitária: Um projeto de prevenção ao uso indevido de drogas. Em M. F. O. Sudbrack & L. F. Costa (Orgs.), *Prevenção do uso indevido de drogas: Desafios para a prática*. CEAD-UnB e SENAD-SGI-Presidência da República.
- Vilhena, M. C. J. (1989). *Estudo de alguns aspectos do risco social institucionalizado na FEBEM*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Violante, M. L. (1982). *O dilema do decente malandro*. São Paulo, SP.

#### Sobre as autoras

**Maria Inês Gandolfo Conceição** é Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. É Coordenadora do Laboratório de Família, Grupos e Comunidades-PCL/UnB. É Doutora em Psicologia.

**Maria Fátima Olivier Sudbrack** é Professora Titular de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. É Coordenadora do Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas-PRODEQUI/PCL/UnB. É Doutora em Psicologia e Pós-doutora em Psicossociologia. É Pesquisadora do CNPq